

FIEA Federação das
Indústrias do Estado
de Alagoas

IEL Instituto
Euvaldo
Lodi

PANORAMA ECONÔMICO

Dados referentes ao mês de
Abril de 2026



PIB do Brasil acelera no *1º trimestre de 2026*

O PIB brasileiro cresceu 1,1% no primeiro trimestre de 2026 em relação ao trimestre anterior, já descontados os efeitos sazonais. Na comparação com o mesmo período de 2025, a alta foi de 1,8%, enquanto o crescimento acumulado em quatro trimestres desacelerou de 2,3% para 2,0%. O resultado indica que a economia iniciou 2026 com mais fôlego do que no fim do ano anterior, mas ainda sem romper a trajetória de moderação observada desde 2025¹.

Essa dinâmica refletiu a combinação de estímulos e restrições. De um lado, o reajuste do salário mínimo, as transferências públicas, a renda do trabalho e medidas de sustentação da renda e do crédito ajudaram a preservar a demanda interna. De outro, os efeitos defasados da política monetária restritiva continuaram pesando sobre consumo financiado, investimento e setores mais dependentes de crédito. O desempenho do trimestre, portanto, não deve ser lido como aceleração espontânea da atividade, mas como resultado da disputa entre impulsos fiscais e sociais, de um lado, e juros elevados, de outro.

Pela ótica da oferta, os três grandes setores avançaram: agropecuária, indústria e serviços. A agropecuária cresceu 2,0% na margem, favorecida pelo calendário de colheita e por condições produtivas específicas. No entanto, sua expansão interanual foi de apenas 0,7%, em razão da elevada base de comparação de 2025. Assim, o setor continuou relevante para o valor adicionado, mas com menor capacidade de repetir o impulso observado no ano anterior.

A indústria também cresceu 1,0% no trimestre, mas com composição desigual. A alta foi puxada sobretudo pela indústria extrativa e pela construção, enquanto a transformação recuou 0,9% frente ao primeiro trimestre de 2025. Esse contraste é relevante: setores ligados a commodities e obras reagiram melhor, enquanto a manufatura permaneceu limitada pelo custo do

[1] As referências usadas para a análise são as seguintes: Análises Econômicas Brasil | Itaú BBA; Carta de Conjuntura; e nota_informativa_pib-1t2026.pdf

crédito, pela demanda moderada por bens duráveis e pela fraqueza dos bens de capital. Assim, os estímulos à demanda e a recuperação de alguns segmentos ajudaram parte da indústria, mas não foram suficientes para reverter a fragilidade da transformação.

Nos serviços, o crescimento de 0,5% na margem e de 2,1% na comparação anual confirmou a importância do setor para a sustentação do PIB. O desempenho foi apoiado pelo mercado de trabalho, pela renda corrente e pelo gasto das famílias em atividades menos dependentes de financiamento. Segmentos como informação e comunicação, atividades imobiliárias, comércio e outros serviços avançaram, enquanto transportes e atividades financeiras perderam ritmo. A política fiscal e as transferências contribuíram para manter a demanda, mas os juros altos limitaram ramos mais sensíveis ao crédito e à circulação de mercadorias.

Pela ótica da demanda, o consumo das famílias foi um dos principais canais de sustentação da atividade. A alta de 1,0% no trimestre, depois de crescimento de apenas 0,2% no fim de 2025, refletiu o efeito combinado da renda do trabalho, do salário mínimo, das transferências públicas e da manutenção de algum acesso ao crédito. Ainda assim, o consumo não

esteve livre de restrições: endividamento, inadimplência e custo financeiro elevado continuaram limitando compras de maior valor e decisões dependentes de financiamento.

A formação bruta de capital fixo cresceu 3,5% na margem, mas esse número exige cautela. Parte do resultado decorreu de importações de bens de capital, incluindo uma plataforma de petróleo, além de uma base de comparação baixa no trimestre anterior. Na comparação interanual, o investimento ainda caiu 1,4%, revelando que a acumulação produtiva não se consolidou.

As exportações líquidas tiveram comportamento distinto conforme a base de comparação. Na margem, o setor externo retirou dinamismo do PIB, pois as exportações caíram 1,7% e as importações cresceram 4,4%, movimento associado à recomposição da demanda interna e à maior entrada de bens de capital e outros produtos importados. Já na comparação interanual, o setor externo ainda contribuiu positivamente, pois as exportações cresceram 7,4%, sustentadas por commodities e bens industriais específicos, enquanto as importações avançaram apenas 1,2%. Dessa forma, o setor externo fun-

cionou como freio no curto prazo, mas continuou oferecendo suporte quando comparado ao mesmo trimestre do ano anterior.

A tendência para os trimestres seguintes aponta para uma economia em expansão moderada, com baixa probabilidade de aceleração contínua sem mudança nas condições financeiras e na composição do investimento. O resultado do primeiro trimestre deixou um carregamento estatístico mais favorável para 2026, mas a sustentação do crescimento dependerá da capacidade de transformar a melhora pontual da demanda em investimento produtivo, expansão industrial mais disseminada e ganhos de produtividade. Caso os juros permaneçam elevados e o investimento siga concentrado em eventos específicos, o crescimento tende a continuar apoiado no consumo corrente, nos serviços e em setores ligados a commodities. Assim, o cenário mais provável é de continuidade do avanço do PIB, porém em ritmo contido e com assimetrias setoriais relevantes.

IPCA de maio fica acima de **4,5% e pressiona o BCB**

O IPCA de maio avançou 0,58%, abaixo do resultado de abril, mas acima da mediana das expectativas de mercado. Com isso, a inflação acumulada em 12 meses subiu para 4,72%², superando o limite superior do intervalo da meta. O dado mostra que, apesar de alguma desaceleração na margem, o processo de desinflação segue incompleto.

A composição do índice ajuda a entender essa leitura. A principal pressão veio de alimentação e bebidas, especialmente da alimentação no domicílio, com destaque para produtos in natura, como batata-inglesa e tomate. Habitação também teve papel relevante, puxada pela energia elétrica residencial. Em sentido contrário, transportes aliviou o índice, principalmente pela queda da gasolina e do etanol.

Essa combinação sugere uma inflação ainda influenciada por choques específicos, mas não restrita a eles. Os preços livres aceleraram no mês,

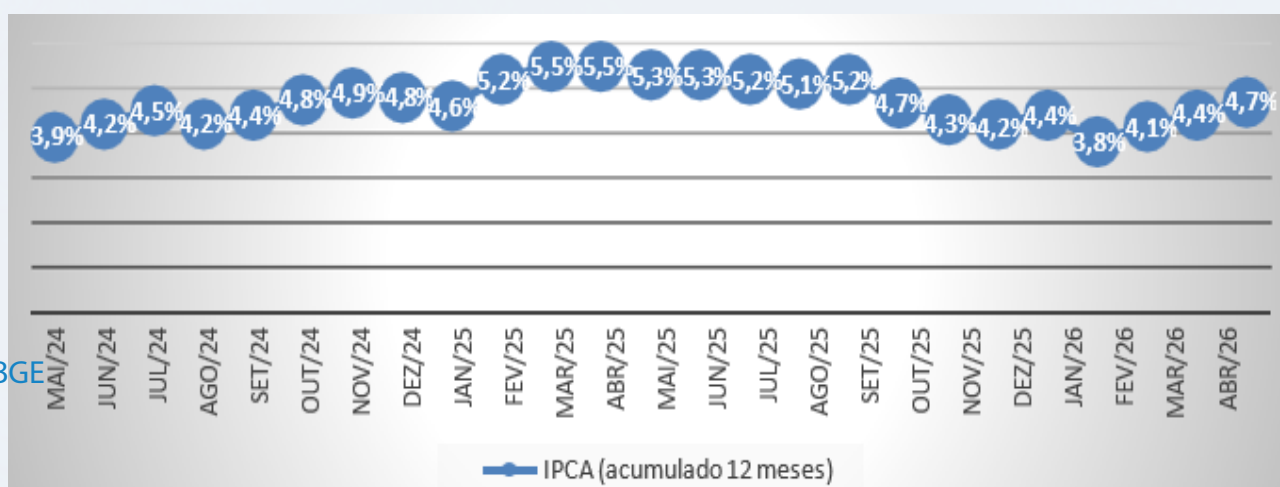
[2] Painel de Indicadores | IBGE

enquanto os monitorados desaceleraram, embora ainda acumulem alta mais elevada em 12 meses. Nos serviços, a inflação voltou a ganhar força em relação a abril, o que exige atenção, pois esse grupo costuma refletir componentes mais persistentes, ligados à renda, ao mercado de trabalho e à inércia de preços.

Os núcleos de inflação sugerem que a pressão sobre os preços ainda não está plenamente controlada. Embora a média dos cinco principais núcleos tenha recuado de 0,50% para 0,45% entre abril e maio, ela subiu no acumulado em 12 meses, passando de 4,37% para 4,52%³. Esse movimento indica que a desaceleração mensal foi insuficiente para alterar a tendência de fundo. Em termos práticos, os núcleos mostram que a inflação continua resistente quando se excluem itens mais voláteis ou sujeitos a choques pontuais.

Para a política monetária, o resultado recomenda prudência. A queda dos combustíveis ajudou a conter o IPCA de maio, mas alimentos, energia elétrica, serviços e núcleos ainda mostram resistência. Nesse contexto, o COPOM tende a manter a cautela, mas poderá reduzir a Selic em 0,25 ponto percentual, condicionando os próximos passos a sinais mais consistentes de desaceleração da inflação subjacente e de reancoragem das expectativas.

Gráfico nº 1 - IPCA (acumulado 12 meses) - maio/24 a maio/26



Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial,
Inovação e Pesquisa - IEL/AL

A produção industrial brasileira

Em novembro de 2025

Em abril de 2026, a indústria brasileira apresentou aceleração do crescimento, com alta de 0,7% frente a março e de 2,7% em relação a abril de 2025, mas esse desempenho foi marcado por forte concentração setorial e, portanto, por baixo dinamismo estrutural. O principal fator de impacto foi a expansão dos bens intermediários, impulsionada sobretudo pelas indústrias extrativas e pelo segmento de coque, derivados de petróleo e biocombustíveis, cuja produção reagiu ao contexto geopolítico da guerra no Irã e ao estímulo à oferta doméstica de combustíveis. Assim, o crescimento industrial esteve mais associado a choques específicos de demanda e produção em combustíveis e insumos do que a uma recuperação disseminada da atividade manufatureira. Em contraste, os segmentos mais sensíveis ao crédito e à taxa de juros continuaram fragilizados: bens de capital recuaram na comparação interanual, afetados pelo endividamento no setor agrícola, enquanto bens de consumo duráveis também caíram, com retrações relevantes em eletrodomésticos e móveis e forte desaceleração de automóveis e equipamentos de transporte. Dessa forma, o resultado de abril indica expansão positiva, porém limitada, dependente de poucos ramos e ainda incapaz de configurar uma retomada industrial ampla e sustentada.⁴

[4] IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial

Indicadores Conjunturais da *Economia brasileira*

Tabela nº 1 - Variação da Produção Industrial - Abril 2026 (%)

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,7	2,7	1,7	0,7
Bens de capital	0,1	-4,3	-5,7	-4,1
Bens intermediários	1,5	3,8	2,3	1,7
Bens de consumo	-0,7	2,1	1,9	-0,8
Bens de consumo duráveis	-3,2	-3,4	0,2	-0,1
Semiduráveis e não duráveis	-0,2	3,2	2,2	-0,9
Extrativa Mineral	3,1	10,6	9,3	7,3
Transformação	0,3	1,2	0,3	-0,5

Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial,
Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Tabela nº 2 - Índices de preços

Índice de Preço (%)	2025								2026				
	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
IGP-DI	-0,85	-1,80	-0,07	0,20	0,36	-0,03	0,01	0,10	0,20	-0,84	1,14	2,41	0,87
INCC-DI	0,58	0,69	0,91	0,52	0,17	0,30	0,27	0,21	0,72	0,28	0,54	1,00	0,88
IGP-M	-0,49	-1,67	-0,77	0,36	0,42	-0,36	0,27	-0,01	0,41	-0,73	0,52	2,73	0,84
IPC-M	0,37	0,22	0,27	-0,07	0,25	0,16	0,25	0,24	0,51	0,30	0,30	0,90	0,61
IPA-M	-0,82	-2,53	-1,29	0,43	0,49	-0,59	0,27	-0,12	0,34	-1,18	0,61	3,49	0,91
INCC-M	0,26	0,96	0,91	0,70	0,21	0,21	0,28	0,21	0,63	0,34	0,36	1,04	0,77
IPC-FIPE	0,27	-0,08	0,28	0,04	0,65	0,27	0,20	0,32	0,21	0,25	0,59	0,40	0,45
INPC	0,35	0,23	0,21	-0,21	0,52	0,03	0,03	0,21	0,39	0,56	0,91	0,81	0,65
IPCA	0,26	0,24	0,26	-0,11	0,48	0,09	0,18	0,33	0,33	0,70	0,88	0,67	0,58

Fontes: Ipeadata e Bacen

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial,
Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Tabela nº 3 - Indicadores de Confiança I

	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
mai/25	4,28	65,62	3.355,00
jun/25	4,37	68,61	3.400,00
jul/25	4,24	65,60	3.392,00
ago/25	4,07	66,86	3.711,00
set/25	3,99	61,81	4.351,00
out/25	4,08	63,64	4.052,00
nov/25	4,13	59,43	4.417,00
dez/25	4,22	65,60	4.786,00
jan/26	4,04	72,46	5.063,00
fev/26	4,18	101,73	4.992,00
mar/26	4,31	102,57	4.581,00
abr/26	4,61	108,99	4.542,00
mai/26	4,45	80,32	4.325,00

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB) /FED

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL



Tabela nº 4 - Indicadores de Confiança II

Meses	Indicadores de Confiança II						
	Taxa de Câmbio	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses	Taxa de Juros	IPCA nos últimos	Taxa de Juros	Taxa Real
	Fim de Período R\$/US\$ - Vendas			Real Ex-Ant	doze Meses	Selic (% a.a)	Esperada Selic (a.a)
mai/25	5,71	14,64	4,88	9,31	5,32	14,65	8,86
jun/25	5,46	14,69	5,10	9,12	5,35	14,90	9,07
jul/25	5,60	14,76	4,31	10,02	5,23	14,90	9,19
ago/25	5,43	14,36	4,18	9,77	5,13	14,90	9,29
set/25	5,32	14,34	4,44	9,48	5,17	14,90	9,25
out/25	5,38	14,09	4,09	9,61	4,68	14,90	9,76
nov/25	5,33	13,75	4,00	9,38	4,46	14,90	9,99
dez/25	5,50	14,90	4,00	10,48	4,26	14,90	10,21
jan/26	5,23	13,75	3,90	9,48	4,44	14,90	10,02
fev/26	5,15	13,25	4,00	8,89	3,81	14,90	10,68
mar/26	5,22	13,70	4,09	9,23	4,14	14,65	10,09
abr/26	4,99	14,10	3,96	9,75	4,39	14,40	9,59
mai/26	5,06	14,15	4,05	9,71	4,72	14,40	9,24

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

ELABORAÇÃO
DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E PESQUISA - FIEA/IEL

GERENTE
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

ESTAGIÁRIOS
JOSÉ MATHEUS TENÓRIO
JULIAN PEDRO MOISÉS DA SILVA
KARINE FERREIRA DOS SANTOS
MARIA LUIZA LEAL DA SILVA
MURILO BARROS MOREIRA BAHIA

ANALISTA
MORGANA MARIA MACHADO MOURA
CONSULTORA
DÉBORA JUSTINO DOS SANTOS
AUTOR
REYNALDO RUBEM FERREIRA JÚNIOR
DIAGRAMAÇÃO
EMILLY KAROLLINY CARDOZO DA FONSECA

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

DIRETOR REGIONAL
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

SUPERINTENDENTE
HELVIO BRAGA VILAS BOAS

GERENTE DE DESENV. EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E PESQUISA
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

PRESIDENTE
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

1º VICE PRESIDENTE
JOSÉ DA SILVA NOGUEIRA FILHO

DIRETOR EXECUTIVO
WALTER LUIZ JUCA SÁ

GERENTE UNITEC
HELVIO BRAGA VILAS BOAS